

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

COMPETÊNCIA COMUNICATIVA INTERCULTURAL (Adelaide Augusta Pereira de Oliveira)

Para entender este conceito será necessário dividi-lo em três partes: competência, comunicação e intercultural. Nenhum destes termos isoladamente é de fácil compreensão, uma vez que eles também são usados com diferentes sentidos em diferentes campos do saber. O termo competência tem sido usado na lingüística, na lingüística aplicada, e em outros campos do conhecimento com sentidos tão diversos que se torna difícil entendê-lo ou precisar o seu significado em qualquer contexto em que aparece, sem que ele esteja definido claramente.

No campo da lingüística tem origem no trabalho de Chomsky (1965, p. 4) que o define como sendo “o conhecimento que o falante-ouvinte ideal tem da sua língua”. No domínio do ensino de uma segunda língua falar de competência significa falar de habilidade de comunicar-se de forma culturalmente apropriada. Não me arriscaria a definir comunicação, mas apenas restringir o termo à capacidade de, em um contexto específico, expressar uma idéia de forma compreensível para aquele com quem eu falo ou escrevo.

Chegamos então ao terceiro elemento do verbete que é o conceito de intercultural. No campo de ensino de segunda língua o termo tem origem nos estudos da comunicação intercultural, isto é, o momento em que duas pessoas de culturas diferentes entram em contato e se utilizam de uma língua comum para expressar seus pensamentos e idéias. Em geral, os estudos de comunicação intercultural têm como objetivo revelar aspectos lingüísticos e culturais de um determinado grupo de pessoas de modo a evitar mal-entendidos que resultam do pouco ou nenhum conhecimento que um falante de uma outra língua-cultura tem sobre aquele grupo de pessoas. Entretanto, o conceito de competência comunicativa intercultural com defendo no meu trabalho vai mais além do mundo externo para incluir também o mundo interior. Assim, desenvolver a competência comunicativa intercultural do aluno de inglês como L2 significa desenvolver uma conscientização de si próprio e da sua cultura através da aquisição de habilidades necessárias para saber sobre a língua e a cultura do outro de modo a desenvolver uma atitude positiva. Tal atitude, entretanto, só é possível se o aluno vê a aprendizagem da L2 como uma oportunidade de tornar-se um membro mais consciente

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

da comunidade em que vive. A língua não é só um veículo que media a cultura mas também é um vetor de construção da identidade.

Guiora (1972 apud BROWN, 2000) cunhou o termo ego de linguagem (language ego) para explicar a identidade desenvolvida pelo indivíduo em relação à língua que ele fala. “O ego de linguagem envolve a interação da língua nativa e do desenvolvimento do ego.” (BROWN, 2000, p. 64). No jovem adolescente ou no adulto, este ego da linguagem que já é parte da identidade do falante, pode ser ameaçado numa situação de aquisição de segunda língua. Para que isto não aconteça é necessário que a aquisição de um segundo ego de linguagem esteja associado a uma atmosfera de suporte e compreensão do que está embutido na tarefa de adquirir esta segunda língua .

O aprendiz de uma L2, ao iniciar o processo de aprendizagem, já tem a sua própria identidade construída através da sua L1, no nosso caso, o português brasileiro. Aliados a isto estão todos os aspectos culturais agregados ao processo de aquisição da L1. Entretanto, esta identidade não deve ser vista como algo completo e terminado ou definitivo. Ela está continuamente em estado de transformação e está sendo reconstruída a cada momento, na medida em que encontra novos valores, novas formas de ver o mundo em cada pessoa que conversa ou livro que lê, ou a cada nova língua que aprende. Isto não quer dizer que não temos uma identidade, mas que nossa identidade não pode ser interpretada de forma monolítica, como algo definido e imutável. Existe o que Hall (2005, p. 18) uma “fragmentação ou pluralização da identidade.” Aprender uma segunda língua não tem que necessariamente gerar uma crise de identidade especialmente se o ensino desta língua tem como fim o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural.

Desta forma, a meta de aprender uma segunda língua sem ter a sua identidade ameaçada pode ser atingida quando se torna o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural o objetivo do curso. Passa a haver uma maior conscientização das diferenças e semelhanças interculturais ao invés de um enfoque puramente comunicativo. Deixa de existir a meta proposta por abordagens de ensino puramente comunicativas, ou seja, a de atingir a proficiência ou a competência do falante nativo da segunda língua, passando a existir uma meta mais modesta de tornar-se inteligível na segunda língua.

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

Referências Bibliográficas e Webgráficas:

BROWN, H.D. *Principles of language learning and teaching*. 4. ed. White Plains: Addison Wesley Longman, 2000.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1965.

GUIORA, Alexander Z.; BRANNON, Robert C.; DULL, Cecilia Y. Empathy and second language learning. *Language Learning*, The University of Michigan: Blackwell Publishing, v. 22, n. 1, p. 111-130, 1972. Apud BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. 4. ed. White Plains: Addison Wesley Longman, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed., Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.